

A produção contista de Lima Barreto e a educação corporal para o trabalho produzida na sociedade capitalista no Brasil da Primeira República¹**Lima Barreto's story production and body education for the work produced in the capitalist society in Brazil of the First Republic**

DOI:10.34119/bjhrv3n5-210

Recebimento dos originais: 26/09/2020

Aceitação para publicação: 06/10/2020

Aline Flavia Valgas

Secretaria Municipal de Educação SME – Goiânia

e-mail: flaviavalgas@yahoo.com.br

Juliana de Castro Chaves

Faculdade de Educação – FE/UFG

e-mail: julichcastro@gmail.com

RESUMO

Tomando a literatura como campo privilegiado para apreender as contradições produzidas na sociedade, objetivamos investigar a educação do corpo nas condições concretas de instauração da Primeira República no Brasil em articulação com os contos de Lima Barreto. Os contos de Lima Barreto revelam que no final do século XIX, no Brasil, entra em cena uma educação corporal voltada à constituição do trabalhador assalariado envolvendo padrões de comportamento. Os contos analisados indicam que a educação corporal era orientada para a lógica do trabalho industrial e se dá de modo violento e de modo sutil em uma perspectiva de cisão corpo/mente, de normatização de desejos e a depender do grau de resistência e classe social.

Palavras-Chave: Educação; Corpo; Trabalho; Comportamento; Lima Barreto**ABSTRACT**

Taking literature as a privileged field to apprehend the contradictions produced in society, we aim to investigate the education of the body in the concrete conditions of establishment of the First Republic in Brazil in articulation with the tales of Lima Barreto. Lima Barreto's tales reveal that at the end of the 19th century, in Brazil, a body education focused on the constitution of the salaried worker, involving patterns of behavior, entered the scene. The stories analyzed indicate that body education was oriented to the logic of industrial work and takes place in a violent and subtle way in a perspective of body/mind division, normatization of desires and depending on the degree of resistance and social class.

Keywords: Education; Body; Work; Behavior; Lima Barreto.

¹A discussão apresentada nesse artigo faz parte das reflexões resultantes da dissertação de mestrado em Educação da UFG, da Linha de Fundamentos dos Processos Educativos, de Aline Flavia Valga, intitulada “A relação entre a educação do corpo no Brasil da Primeira República e os contos de Lima Barreto”, de 2016, financiada pela CAPES, sob orientação da professora Dra. Juliana de Castro Chaves.

1 INTRODUÇÃO

Os acontecimentos do século XIX no Brasil, como a Proclamação da Independência (1822), a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889) são tributários da sociedade burguesa em desenvolvimento (FERNANDES, 1976). Na esteira do capitalismo se processa uma educação corporal voltada para a constituição de um corpo produtivo ao capital em diferentes espaços de socialização e em diferentes grupos sociais existentes no período. Conforme Ianni (1992), os resquícios de séculos de escravidão no país levaram a classe dominante a investir em processos educativos voltados à consolidação da força de trabalho à toda a população. As contradições desse processo são reveladas pelos contos limabarretianos.

Escolhemos a literatura de Lima Barreto, pois, de acordo com Ianni (1992), Lima Barreto, juntamente com José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Raul Pompéia, Machado de Assis e Euclides da Cunha, discorrem sobre a ideia de Brasil Moderno. Para Sevcenko (2003), existe a possibilidade de encontrarmos na Literatura brasileira desacordos com o pensamento hegemônico. O autor pontua que Lima Barreto é um dos intelectuais brasileiros ligados à literatura, que problematiza temas relacionados a desigualdades sociais, saúde, higiene, ordem e moral sanitária nas cidades. Afirma que Lima Barreto é uma voz radicalmente contra a forma que os processos de modernização no Rio de Janeiro se deram (SEVCENKO, 2003), processos estes determinados pela consolidação do modo de produção capitalista no Brasil.

A literatura de Lima Barreto, como uma objetivação humana não alienada, comunica verdades que desvelam a realidade da época (MARCUSE, 1999). Esse artigo discute alguns contos de Lima Barreto, publicados na coletânea “Contos completos de Lima Barreto”, editado pela Cia. das Letras no ano de 2010, sob organização de Lílian Moritz Schwarcz. Recortamos os contos: “Três gênios da secretaria”, “Uma noite no lírico”, “Mágoa que rala” e “Como o “homem” chegou” como emblema da discussão da educação do corpo para o trabalho.

2 INSTAURAÇÃO DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL REPÚBLICA

De acordo com Marx (1988), o processo de produção de capital envolve a chamada acumulação primitiva, que não é resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida. Segundo Perez (2015), o Brasil Colônia contribuiu decisivamente para a

acumulação primitiva que impulsionou, em escala global, a emergência do capitalismo, contribuindo na expansão do capital. O modo de produção capitalista se materializa no Brasil em meio aos ciclos da peculiar revolução burguesa do país, iniciada com a Declaração de Independência em 07 de setembro de 1822, seguido pela Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888 e pela Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 (FERNANDES, 1976).

Para Fernandes (1976), as condições materiais para a consolidação do modo de produção capitalista são introduzidas no país no século XVI e se intensificam ao longo do século XIX, com a extinção do estatuto colonial que altera a economia e permite o crescimento econômico interno e novas formas de atividades econômicas, bem como a gradativa substituição do regime de trabalho escravo pelo trabalho assalariado, já determinados pelas forças do capital.

O processo de industrialização desenvolvido pelo capitalismo, determinando a desarticulação do sistema escravocrata e da crise na agricultura, provoca o crescimento das cidades, tornando a urbanização uma realidade concreta, o que eleva desordenadamente a população citadina. De acordo com Schwarcz (2012), no período de 1880 até 1930, a população brasileira cresceu em média 2,5 % ao ano. Esse quadro marca o período da Primeira República com instabilidade, carestia, elevação da inflação, miséria, mortalidade por fome ou epidemias, elevação nos aluguéis, especulação imobiliária, desemprego, subemprego, marginalização dos pobres, criminalidade, violência, analfabetismo, falta de moradia, de infraestrutura e de saneamento (SCHWARCZ, 2012). Nas cidades, ex-escravos procuram meios de garantir sua sobrevivência e imigrantes, antes empregados nas lavouras, migram para os centros urbanos e ambos encontram dificuldades para encontrar emprego. Ao mesmo tempo, políticas imigratórias são incentivadas em busca de mão de obra especializada para o trabalho industrial (imigrantes europeus brancos).

Neste contexto, é necessário romper com certa tradição aristocrática advinda da organização escravista que rebaixa o trabalho manual, associado ao trabalho do cativo (SCHWARCZ, 2012). Com o declínio do regime escravista, se faz necessário redefinir ideologicamente o trabalho braçal, livrá-lo do estigma de atividade inferior, torná-lo algo necessário, produtor de mercadoria e lucro e indispensável para a vida da nova sociedade (IANNI, 1992).

Como exigência do modo produtivo que se desenrola, a apologia ao “trabalho livre” se faz presente na sociedade da Primeira República. Faz-se necessário consolidar o *ethos* do

trabalho aos moldes do capital e, neste intento, é disseminada a ideologia da dignificação do indivíduo por meio trabalho, incentivada a imigração de europeus mais adaptados ao trabalho assalariado e o enaltecimento da atividade laboral como capaz de combater a preguiça, a leseira, a tristeza, a luxúria e os atrasos do país (IANNI, 1992). Como determinação do capital e produção de mais valia, é preciso “[...] exorcizar o conjunto de padrões e valores, formas de

Tão logo o trabalho assalariado passe a ser determinante na sociedade, a aplicação da lei e da norma, no período da Primeira República, é difundida a toda população. A alocação da norma como um dos dispositivos para a promoção da saúde está repleta de interesses do Estado que, voltado para o desenvolvimento industrial, necessita controlar demográfica e politicamente a população e criar condições para explorar a força de trabalho. Na perspectiva de fazê-lo sem lesar as liberdades individuais do discurso liberal, o Estado cria intervenções normativas, intentando defender a saúde física e moral das famílias, executando políticas de Estado (COSTA, 1999). É nesse contexto que uma educação do corpo voltada à construção do homem trabalhador, ordeiro, saudável, apto ao trabalho manual, repetitivo, exaustivo, degradante e mal pago da sociedade capitalista é implementada (SOARES, 2004).

3 LIMA BARRETO E O DESVELAR DA EDUCAÇÃO DO CORPO PARA O TRABALHO INDUSTRIAL NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

A produção contista de Lima Barreto² revela em sua totalidade nuances da sociedade capitalista em constituição no período da Primeira República. As relações de contradição dessa sociedade estão inseridas em uma vasta galeria de personagens e situações onde a desigualdade social produz oportunidades para alguns e exacerbam ainda mais a pauperização das condições de vida dos mais pobres. Na sociedade que se configura é possível conhecer que o estabelecimento da disciplina do corpo necessária ao processo produtivo perpassa pela educação corporal de modo sutil e de modo violento, e é permeada pela perspectiva de cisão corpo e mente.

Em “Os três gênios da secretaria”, há indicações de que o trabalho é permeado por uma rotina repleta de atividades repetitivas, onde o corpo se acomoda e se extirpa o

² Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) é um escritor brasileiro associado ao pré-modernismo. Sua obra consta de romances, sátiras, crônicas e contos, sendo os textos desse último gênero, escritos entre 1904 a 1922.

pensamento, indicando o trabalho pautado na cisão corpo/mente. Em uma reflexão, o narrador/personagem constata que em seu trabalho as atividades se repetem dia a dia e que “o corpo fica em cômodo jeito; o espírito aquieta-se, não tem efervescências nem angústias; as praxes são fixas e as fórmulas já sabidas” (BARRETO, 2010, p. 473). O conto expõe uma perspectiva educativa assimilada pelo trabalhador que, embora por um momento se apresente cômico de sua situação, precisa submeter-se a ela e inibir seus pensamentos para, semelhante a uma máquina, executar o trabalho. O conto, escrito em 1921 é indicativo de que o processo de adaptação ao trabalho assalariado aos moldes do capital está se configurando.

Nesse sentido, a personagem em particular associa-se ao universal, representando uma classe trabalhadora que “[...] não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína seu espírito” (Marx, 2002, p. 83). O processo produtivo ao qual a personagem de “Os três gênios da secretaria” se encontra é o cerne dos processos educativos desenvolvidos no período da Primeira República. O processo de produção e reprodução da sociedade do capital demanda processos educacionais voltados para constituir indivíduos adaptados. No contexto nacional da época se faz necessário alavancar o modo de produção capitalista rompendo com certa tradição aristocrática que rebaixa o trabalho (SCHWARCZ, 2012) e criar um *ethos* do trabalho aos moldes do capital que exorciza modos de viver e de trabalhar não condizentes com uma sociedade moderna capitalista.

A educação do corpo difere a partir das condições socioeconômicas, ou seja, das classes sociais. As personagens dos contos de Lima Barreto demonstram que os processos educativos se deram de forma coercitiva e até violenta em relação aos indivíduos pobres e distanciados dos processos de modernização preconizados pela urbanidade. Para essas personagens o processo de educação do corpo para o trabalho se dá via coerção e encarceramento. O emblema disso é o personagem Fernando, de “Como o ‘homem’ chegou”. Completamente alheio ao processo produtivo que se desenvolve, Fernando tem grande paixão pela astronomia e encontra dificuldades em sujeitar-se ao trabalho na repartição em que trabalha, preferindo dedicar-se à sua paixão “[...] abandonara, não de todo, mas quase totalmente a terra pelo céu inacessível [...] inteiramente entregue à chatinagem e à veniaga” (BARRETO, 2010, p. 126). Nesse sentido, ele afasta-se da sociedade repleta de negociações escusas e do trabalho formal, dedicando-se às atividades

de seu interesse. Sua falta de dedicação ao trabalho e de assiduidade, leva-o a fama de insano. Com seu afastamento e dedicação a si mesmo, Fernando é considerado como louco e é detido.

A detenção da Fernando remete-nos à necessidade de desenvolver o *ethos* do trabalho discutida por Ianni (1992), e o direcionamento de ações truculentas da polícia republicana para coibir o trabalho informal, a falta de compromisso com o trabalho e aprisionar os considerados vadios ou loucos, alheios ao processo produtivo que se desenvolve (PATTO, 1999). Conforme Souza (1994), o encarceramento em prisões e/ou manicômios no período da Primeira República objetiva, dentre outros aspectos, sujeitar os indivíduos ao trabalho formal, sendo no cárcere desenvolvidos processos educativos voltados a forjar um trabalhador ordeiro, assíduo e disciplinado.

No conto, Lima Barreto denuncia toda a truculência e os castigos corporais pelos quais Fernando é submetido após a sua apreensão e transferência para uma prisão no Rio de Janeiro. Apreendido em Manaus é transferido até o Rio de Janeiro em um carro forte feito de ferro, onde depois de colocado, não é mais liberto até chegar ao destino. A descrição de Lima Barreto acerca do carro que transporta Fernando ilustra a agrura do encarceramento:

É tudo de ferro, há inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, ao lado de uma agaça de ferro e que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela, levado aos trancos e barrancos [...] tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão (BARRETO, 2010, p. 126).

Por sua vez, o encarregado da prisão de Fernando, doutor Barrado, é emblema do trabalhador obediente que apenas executa as ordens que lhe são imputadas sem gasto de tempo e ações desnecessárias, como propõe o modelo de operário do taylorismo/fordismo:

[...] Barrado, a respeito, não tinha com segurança como proceder. Não sabia mesmo se essa espécie de doentes comia e consultou Silly, por telegrama. Respondeu-lhe a autoridade, com a energia britânica que tinha no sangue que não era do regulamento retirar aquela espécie de enfermo do carro, o “ar” sempre lhes fazia mal. [...] tão sábia recomendação foi cegamente obedecida. (BARRETO, 2010, p. 133-134).

Recebendo a ordem de capturar Fernando em Manaus, doutor Barrado sai do Rio de Janeiro para buscá-lo e sempre aguarda instruções sobre como proceder em várias situações com as quais se depara. Em qualquer problema que encontra durante a viagem envia telegrama ao chefe, indagando como deve proceder em cada imbróglio. Por mais

disparatadas que sejam as instruções do chefe, doutor Barrado, sem reflexão, executa as ordens e segue todas as recomendações.

É possível apreender que em consequência de sua atividade fragmentada, pautada na perspectiva do trabalho que realiza a cisão entre execução/concepção, ou seja, entre corpo/mente, o processo de alienação que o separa de si, o separa também do outro (RESENDE, 2001), constituindo um ser irracional que é insensível ao perecimento do prisioneiro em prol do cumprimento da tarefa.

Durante o percurso, o responsável pela apreensão da personagem não lhe dá água tampouco lhe alimenta. Ao final da jornada, o homem, considerado louco, apreendido, encarcerado e corporalmente castigado por alhear-se ao processo produtivo, é entregue morto às autoridades cariocas. O que chega ao destino são apenas seus restos mortais.

O conto “Como o ‘homem’ chegou” apresenta a própria tensão da sociedade brasileira da época bem como o grau de adaptação ao processo produtivo de diferentes personagens. O encarregado de prender e transportar Fernando é um homem extremamente adaptado, coloca-se a serviço de seu superior, e obedece cegamente às suas ordens as executando-as sem a menor reflexão.

Os contos de Lima Barreto também revelam que os processos de educação do corpo se dão por meio das sutilezas trazidas pela aplicação de normas e códigos de conduta em espaços públicos, incidindo sobre uma perspectiva de educação psicofísica voltada à educação de movimentos delicados, repetitivos, finos e precisos, e também por meio da repressão e da violência. No período em que são desenvolvidas políticas nacionais que, de acordo com Ianni (1992), visam garantir o controle social e político de desenvolvimento, o progresso e a modernização do país, Lima Barreto anuncia nas entrelinhas, processos de educação voltados a forjar corpos polidos e fisicamente adaptados para o trabalho repetitivo.

Em contos que retratam partes centrais das cidades como “Uma noite no Lírico” e “Mágoa que Rala” é possível perceber a formatação de códigos de comportamentos. Pessoas que já se adaptavam às conversas em baixo tom de voz, movimentos harmônicos e cadenciados e às noções de etiqueta, bem frequentam os espaços centrais da cidade, havendo exclusão daqueles que ainda não se adaptavam a gestos polidos e considerados civilizados. Destarte, nos espaços urbanos descritos por Lima Barreto como confeitarias, parques, restaurantes, cafés e teatros, há mostras de que uma disciplina corporal é exigida. Essa disciplinarização dos corpos é exigência das sociedades industriais e atinge de modo sutil o corpo dos indivíduos, produzindo em um processo ininterrupto a sujeição dos desejos

humanos a uma série de normas e hábitos que auxiliam e preparam o trabalhador para o processo produtivo, como argumentou Gramsci (2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de padrões de comportamentos voltados à educação do corpo para o trabalho nos contos de Lima Barreto pode ser considerada como um processo contínuo e ininterrupto da educação corporal desenvolvida no período da Primeira República no Brasil. Os contos indicam-nos que, no período da Primeira República, a educação corporal voltou-se para a construção de comportamentos condizentes ao processo produtivo, apontando para além da perspectiva de preparação física para o trabalho. Foi possível também compreender que, tanto na aplicação de noções de etiqueta e civilidade e/ou ações truculentas das autoridades militares, objetivava-se à época, construir padrões de comportamentos adequados ao mercado de trabalho mesmo que de modo indireto. Observou-se ainda que os métodos de difusão de tais padrões de comportamento foram díspares para sujeitos de condições sociais diferentes, acontecendo de modo mais sutil aos trabalhadores pertencentes aos grupos mais abastados e de modo mais violento aos trabalhadores mais empobrecidos ou mais resistentes a esses processos.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. **Contos completos**. Org. introd. e notas: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro edições Graal, 1999.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- IANNI, Octávio. **A ideia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. *Caderno 22 – Americanismo e Fordismo*. In: **Cadernos do cárcere vol. 4**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Trad. M. E, Costa. Portugal: Ed. 70, 1999.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Introd. Jacob Gorender. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol. 1. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- PATTO, Maria Helena de Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres**. Ver. Estudos Avançados, vol. 13. n 35 São Paulo, Jan/Apr. 1999.
- PEREZ, Davi Machado. **Consolidação e atualidade do capitalismo dependente no Brasil: contribuição a debate teórico no serviço social**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2015.
- RESENDE, Anita C. Azevedo. Subjetividade em tempos de reificação: um tema para a psicologia social. **Rev. Estudos**, V. 28 N. 4 p.511-538, Ago. 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: **História do Brasil Nação** vol. 3: abertura para o mundo: 1989-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- SOUZA. Luís Antônio Francisco. **Polícia, classe trabalhadora e delinquência na Primeira República**. Revista Plural 1: 17-35, 1sem. 1994.